

*Afinidades eletivas:*  
**EZLN e MST na contramão da história do progresso dos  
vencedores**

**Fabio Querido\***

“E se a eliminação da burguesia não estiver efetivada até um momento quase calculável do desenvolvimento econômico e técnico, tudo está perdido. Antes que a centelha chegue à dinamite, é preciso que o pavio que queima seja cortado”. *Rua de Mão Única*, Walter Benjamin (1995, p.46).

**Resumo:** Inspirando-se em algumas reflexões de Walter Benjamin e, em menor medida, de José Carlos Mariátegui, o objetivo deste pequeno artigo é esboçar algumas *afinidades eletivas* entre o Exército Zapatista de Libertação Nacional e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, particularmente no que se refere à importância que eles conferem ao resgate e rememoração das lutas sociais do passado – transformadas em fonte de inspiração das lutas do presente.

**Palavras-chave:** movimentos sociais; Walter Benjamin; José Carlos Mariátegui; crítica do progresso; tradição dos oprimidos; história dos vencidos.



\* **FABIO QUERIDO** é Mestre em Sociologia, UNESP - Araraquara. Doutorando em Sociologia, UNICAMP.

## I.

Movimentos sociais latino-americanos como o EZLN e o MST mantêm, entre si, diferenças significativas. México e Brasil possuem cenários históricos e políticos relativamente distintos, cujas singularidades são irredutíveis à universalidade abstrata dos modelos teóricos fechados. Não por acaso, à medida que estão assentados nas condições específicas de seus diferentes contextos histórico-nacionais, o MST e o EZLN são organizações bem distintas. Enquanto o primeiro enraíza-se em quase todo o Brasil, tomando a luta pela terra (e contra aqueles que a usurpam de sua utilização social e ecológica) um dos seus eixos programáticos, o segundo, por sua vez, apoiado pelas comunidades indígenas, caracteriza-se, entre outras coisas, por uma reabertura não só da história do México em si, senão também dos pressupostos de classe que condicionam as diferentes – e por vezes antagônicas – formas de contar, ou melhor, de escrever a história.



Todavia, exatamente pelo enraizamento nas especificidades do capitalismo contemporâneo – e, particularmente, pela resistência à forma como ela se manifesta na periferia do sistema –, há entre estes dois movimentos evidentes similaridades, que decorrem de uma história cronológica e “espiritual” semelhante. Em suas especificidades, ambos os movimentos expressam uma nova etapa, já num contexto de luta contra o neoliberalismo, daquilo que desde a década de 1970 se acostuma a chamar de “movimentos anti-sistêmicos”, cuja recusa crítica do capitalismo se transforma em uma crítica da civilização em seus múltiplos aspectos, das relações sociais cindidas

por *classes sociais* à relação *instrumental* do homem com a natureza. Mais do que a crítica ao capitalismo, questiona-se o modelo de civilização vigente, que é apontado como o responsável pela miséria social e pela destruição ecológica contemporânea. Por isso mesmo, tal crítica estimula a busca por uma outra concepção da história, da tradição e do passado. Assim, questionar o padrão civilizatório capitalista-moderno significa, também e necessariamente, a recusa radical da escrita da história exercida pelas classes dominantes do presente, que visualizam no passado a prefiguração – sob o primado de um tempo vazio, homogêneo e linear – do progresso dos vencedores.

O objetivo mais geral deste pequeno artigo é exatamente traçar algumas *afinidades eletivas* entre estes dois importantes movimentos sociais contemporâneos – EZLN e MST – a partir da perspectiva, que lhes parece comum, de constituição de uma nova relação com as lutas sociais do passado, que são transformadas em fonte de inspiração das lutas do presente, subvertendo a linearidade da temporalidade histórica das ideologias do progresso. Não por acaso, recorrer-se-á – menos como instrumental analítico estrito e mais como inspiração criativa – às obras de dois autores que, em suas evidentes e quase inevitáveis diferenças, apontam traços em comum para a reflexão sobre o presente e, em especial, para as lutas sociais protagonizados por estes movimentos latino-americanos: Walter Benjamin e, em menor medida, José Carlos Mariátegui. Apesar de suas diferenças, assim como dos contextos sócio-históricos sob os quais constituíram suas reflexões, ambos

parecem surpreendentemente atuais – desde que livres de toda impostação dogmática – neste “novo” momento de perigo que vivemos na contemporaneidade, caracterizado por uma crise civilizatória sem precedentes. E, mais importante ainda, ambos parecem sintonizar-se com a necessidade contemporânea de renovação do marxismo e do horizonte anticapitalista, renovação que encontra na experiência dos movimentos sociais contemporâneos um alicerce concreto para a reflexão.

Acima de tudo, Benjamin e Mariátegui aproximam-se pela recusa de toda transformação do marxismo e do pensamento crítico em modelo teórico supra-histórico e *fechado*, à maneira de um sistema filosófico quase sempre eurocêntrico e sustentado por uma concepção linear do progresso histórico. Mas, ao mesmo tempo, se recusam categoricamente toda petrificação metafísica do marxismo, em ruptura com as ideologias neo-iluministas do progresso, os dois autores garantem a via de acesso para uma crítica da modernidade que não abre da história e da luta entre classes sociais que se tornam sujeitos no processo de antagonismo e de luta concreta. Com isso, eles contribuem para a interrogação contemporânea sobre o significado concreto da luta socialista na América Latina, mais além de sua definição abstrata como etapa superior do progresso.

Eis aí, ademais, uma das principais conseqüências desta ruptura com as versões marxistas do culto moderno do progresso: a re-leitura e re-escrita do passado e da tradição, especialmente da “tradição dos oprimidos”, como diria Benjamin, que deve ser arrancada do conformismo que dela tenta se apoderar. Daí a necessidade (que se revela em

ambos os autores) de se “escovar a história a contrapelo”, resgatando o potencial utópico-revolucionário que se encontra no passado das lutas de resistência ao progresso dos vencedores – resistência que, diga-se de passagem, atravessou como uma sombra projetada os cinco séculos de dominação colonial e imperialista na América Latina, reverberando ainda hoje nas lutas de movimentos sociais do presente pela re-escrita da história do passado como momento fundamental dos enfrentamentos por um novo futuro. Tanto para Benjamin quanto para Mariátegui, “el pasado guarda un índice de fe, una potencialidad que irrumpe a la manera de relámpago y que a modo de promesa exigen el presente su redención” (CUESTA, 2009, p.81).

## II.

Ora, é exatamente na América Latina que esta perspectiva assume, nos tempos contemporâneos, uma perspectiva concreta, enraizada nas lutas sociais de movimentos potencialmente anticapitalistas como o MST e o EZLN. No contexto latino-americano, o resgate e a rememoração do passado vinculam-se diretamente às lutas sociais contemporâneas contra a etapa neoliberal do progresso no subcontinente. Na II tese sobre o conceito de história, Walter Benjamin (2005, p.48) reafirmou a necessidade de uma rememoração coletiva da tradição dos oprimidos do passado. Em suas palavras, “o passado leva consigo um índice secreto pelo qual ele é remetido à redenção”. O passado latino-americano, em suas lutas e resistências ao progresso colonialista/imperialista, aguarda ainda hoje uma reparação histórica, cuja realização depende das potencialidades das lutas sociais do presente.

Assentando-se neste passado que clama por uma redenção profana,

revolucionária, o socialismo latino-americano não pode ser – como defendeu Mariátegui – nem “imitação” nem “cópia” dos modelos (supra) históricos erigidos sob solo europeu, mas sim o resultado de uma “criação heróica”, que se constrói sob a base dos “elementos de socialismo prático” envolvidos nas comunidades indígenas do passado. Para Mariátegui, os mitos e as tradições construídas pelas comunidades indígenas da América Latina revelam as potencialidades revolucionárias inscritas nas experiências sociais do passado e do presente indígena e popular na região.

Na América Latina contemporânea, as lutas populares e indígenas “atualizam” – desde o “instante de perigo” do presente – a necessidade benjaminiana e mariateguiana de rememoração ativa da história dos vencidos, em ruptura com a temporalidade linear das ideologias do progresso. Estas lutas re-constroem a história pretérita, a partir do ponto de vista dos oprimidos, pois sabem que as *imagens dialéticas* do passado são também objeto de disputa, quer dizer, espaço importante da luta social, política e cultural entre as classes. Re-constituindo as imagens da história, a memória coletiva resiste ao esquecimento imposto pela história oficial (MATAMOROS, 2008, p.61). O EZLN, por exemplo, desde sua súbita aparição pública na rebelião de 1º janeiro de 1994 (data em que entrava em vigor o Tratado de Livre Comércio da América do Norte), transformou em imperativo central das lutas do presente a rememoração histórica de um passado silenciado pela história oficial do progresso. Nas palavras de Michael Löwy,

“o zapatismo exprime de forma deslumbrante como um movimento de larga base popular se relaciona com suas raízes

históricas e encontra sua razão de ser na memória da opressão sofrida pelas gerações anteriores. Ele é, neste sentido, uma ilustração perfeita da idéia de Benjamin segundo a qual os movimentos futuros podem contribuir para reparar os sofrimentos passados” (LÖWY, 2002, p.29 – tradução livre do francês).

Na Primeira Declaração da Selva Lacandona, os zapatistas declararam:

“irmãos mexicanos, somos produto de 500 anos de lutas: primeiro contra a escravidão, na guerra de Independência contra a Espanha encabeçada pelos insurgentes; depois para evitar sermos absorvidos pelo expansionismo norte-americano; em seguida, para promulgar nossa Constituição e expulsar o Império Francês de nosso solo; depois, a ditadura porfirista nos negou a aplicação justa das leis de reforma e o povo de rebelou criando seus próprios líderes; assim surgiram Villa e Zapata, homens pobres como nós”<sup>1</sup>.

O vínculo ativo com o passado supera o tempo linear do progresso abstrato. Nas palavras do subcomandante Marcos, “quando propomos resgatar a memória, lutamos contra a unidimensionalidade do presente e do predeterminado, que interessa aos que dizem: esqueçam que somos os ladrões e criminosos de ontem, esqueçam que a promessa de ontem é a que estamos repetindo hoje e que ontem não cumprimos”. Segundo bem observa Renan Vega Cantor (1999, p.89):

“A luta dos zapatistas está – como testemunham seus comunicados e escritos – ancorada em um

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.ezln.org/documentos/1994/199312xx.es.htm>.

elemento essencial, que o pós-modernismo nega porque rechaça a história; este elemento se chama *memória*, que no caso dos zapatistas é uma memória telúrica ligada à sabedoria dos povos indígenas e à sua história particular e vínculos com o homem e com a natureza”.

Nas publicações internas e externas do MST as referências à recuperação da memória histórica dos vencidos também são recorrentes, embora, talvez, de forma mais indireta do que no caso EZLN. Para João Pedro Stédile, um dos principais dirigentes do movimento, a referência às lutas sociais do passado “é uma questão de verdade histórica. A luta pela terra existe neste país desde que os portugueses aqui chegaram em 1500. Como não reconhecer a herança que nos legaram os mártires de 500 anos de lutas? Não inventamos nada. A burguesia de hoje também não foi inventada, é resultado de 500 anos de explorações do povo brasileiro”. Esta ligação com os “mártires” do passado pode ser conferida, por exemplo, nos nomes dos acampamentos, assentamentos, ruas e escolas do movimento, que remetem a personagens importantes da história dos vencidos, tais como Che Guevara, Antônio Conselheiro, Carlos Lamarca, acampamento Nova Canudos, em São Paulo, dentre muitos outros.

A “nova” cultura política destes movimentos – que deve muito à experiência da Teologia da Libertação – dá início a um processo de re-invenção dialética das tradições no contexto da modernidade, mas de uma “tradição dos oprimidos”, em ruptura com a petrificação do passado outorgada pelas classes dominantes<sup>2</sup>. Movimentos

<sup>2</sup> Pode-se destacar, neste processo de reinterpretação da tradição, o protagonismo exercido pelas mulheres dos respectivos

sociais como o MST e o EZLN são responsáveis, portanto, por um olhar ao passado explicitamente vinculado aos imperativos da luta de classes do presente. O próprio passado – que permanece “aberto”, por assim dizer –, é então transformando em terreno privilegiado do antagonismo de classe: enquanto as classes dominantes vêm no passado tão-somente a prefiguração de um presente agora intransponível, lançando mão de uma temporalidade *mortífera*, “vazia e homogênea”, as classes subalternas reconhecem nas lutas sociais do passado uma fonte de inspiração *ativa* para os enfrentamentos do presente.

A partir do horizonte concreto das classes oprimidas do presente, abre-se a possibilidade de re-leitura da história da América Latina. Do ponto de vista daqueles que resistem (ou resistiram) à dominação do trabalho e do tempo abstratos, torna-se possível acessar dimensões esquecidas pela história oficial. Demonstra-se, assim, que o exercício de *escovar a história a contrapelo* – reivindicado, afora suas diferenças, por Benjamin e Mariátegui –, longe de ser mero exercício do intelectual crítico, só pode se realizar efetivamente se envolvido diretamente na resistência dos oprimidos do presente contra o “cortejo triunfal dos vencedores”, de hoje e de ontem, que fazem da história o amontoado de ruínas

movimentos. Em Chiapas, “são as mulheres indígenas que estão problematizando os conteúdos últimos da modernidade, da tradição e da democracia” (MILLÁN, s/d: tradução livre do espanhol). No MST, por sua vez, a luta das mulheres atinge as múltiplas dimensões da dominação: do macrocosmo social ao microcosmo opressivo da família nuclear. Cf., por exemplo, Maria Orlanda Pinassi, “Uma ontologia dos movimentos sociais de massas e o protagonismo atual das mulheres”. In: *Da miséria ideológica à crise do capital: uma reconciliação histórica*.

que tanto espanta o “anjo da história” da IX tese sobre o conceito de história. Neste sentido, na América Latina, “escovar a história a contrapelo” significa, sobretudo, concebê-la a partir das classes e grupos sociais que resistiram às “ruínas” do “progresso” colonial e imperialista na região, como também sugeriu José Carlos Mariátegui em *Sete Ensaio sobre a realidade peruana*. Na América Latina,

“escrever a história a contrapelo significa rechaçar toda identificação afetiva com os vencedores e os ‘heróis’ exaltados nas proclamações oficiais do Quinto Centenário, em 1992: conquistadores e missionários, e as potências européias que pretendiam levar ‘religião, cultura e civilização aos índios selvagens’” (LÖWY, 2008, p.84)<sup>3</sup>.

A história do progresso na América Latina significa, assim, a história do saque, do despojo e da destruição violenta das comunidades indígenas tradicionais, como, aliás, ressaltou Rosa Luxemburgo no texto pouco conhecido *Introdução à Economia Política*.

A crítica anticapitalista do “progresso” – que está na contramão da recusa pós-moderna de toda narrativa histórica – sugere, então, uma transformação radical do olhar histórico. Mesmo

<sup>3</sup> Walter Benjamin se dedicou muito pouco à história da América Latina. Mesmo assim, em uma resenha, praticamente esquecida pelos críticos e especialistas, publicada em 1929, do livro de Marcel Brion sobre Bartolomé de las Casas: *Père des Indiens* (Paris: Plon, 1928), o filósofo alemão efetuou uma “impressionante crítica da conquista ibérica”, como sublinha Michael Löwy (2008, p.83). Nesta pequena resenha, segundo Löwy (p.83), Benjamin afirmou que a conquista, este primeiro capítulo da história colonial européia, “transformou o mundo recentemente conquistado em uma câmara de torturas”.

porque, como disse Hector Alimonda (2007: 81):

“Si lo decisivo en los orígenes del capitalismo es la transformación de seres humanos y naturaleza em mercaderías ficticias, las luchas de resistencia contra estos procesos de mercantilización pasan a adquirir una nueva dimensión trascendental. Ya no se trata de resistencias em nombre de la negación del progreso, como pretendió la hegemonia del iluminismo liberal y del marxismo normatizado. Es posible leerlas ahora como formas de resistencia basadas en la defensa de formas tradicionales de organización social para el uso y disposición de los recursos humanos y naturales, frente a los embates de la mercantilización”.

### III.

É, pois, num contexto histórico específico que se forma as condições que permitem a realização este processo de *afinidades eletivas* entre EZLN e MST, bem como a renovada atualidade de autores como Benjamin e Mariátegui para se pensar os desafios que cercam as lutas sociais contemporâneas. Como afirma Michael Löwy:

“a afinidade eletiva não se dá no vazio ou na placidez da espiritualidade pura: ela é favorecida (ou desfavorecida) por condições históricas e sociais. Se a analogia, o parentesco enquanto tal procedem unicamente do conteúdo espiritual das estruturas significativas em questão, seu relacionamento e sua interação ativa dependem de circunstâncias socioeconômicas, políticas e culturais precisas” (LÖWY, 1989, p.18).

A importância destes movimentos, a despeito de seus limites, reside nesta capacidade de enfrentar o “vazio” deixado pelo colapso dos antigos

modelos do pensamento e da práxis revolucionária – que costumavam pegar carona do racionalismo neo-iluminista. É sob este enfrentamento que estes movimentos visualizam a necessidade de re-escrita da história, possibilitando traçar um fio de continuidade na história de resistência e luta dos vencidos, ao mesmo tempo em que sinalizam a possibilidade de interrupção do continuum histórico dos vencedores. “A consciência de fazer explodir o contínuo da história é própria das classes revolucionárias no instante de sua ação” (BENJAMIN, 2005, p.123).

Exatamente por sua localização na periferia do sistema, MST e EZLN sabem bem que as lutas do presente inscrevem-se na linha de continuidade de lutas do passado. Eles almejam reunir, então, as condições necessárias para enfrentar o desafio (trans) histórico de responder simultaneamente tanto aos crônicos problemas do desenvolvimento do capitalismo na região – dentre os quais se destaca a enorme concentração da propriedade da terra – quanto os novos sintomas da crise social e ecológica contemporânea. Com isso, tais movimentos já reconhecem em seu nascimento um sinal evidente dos escombros das noções eurocêntricas do progresso, inclusive em suas versões à esquerda<sup>4</sup>. Para eles, o “passado” ainda

---

<sup>4</sup> Como diz Renan Veja Cantor, “Los estudios históricos marxistas tradicionales que se efectuaron hasta no hace mucho tiempo [...], compartían una visión de la historia universal y progresista que aunque pretendía criticar el modelo occidental de expansión y el discurso apologético que de allí se desprendía, aumia algunos de sus postulados: el culto a la técnica, la justificación de la destrucción de las culturas locales de las zonas colonizadas por considerar que esa era una tendencia irreversible, la superioridad de la economía y de la ‘cultura’ del capitalismo occidental, la subestimación de las capacidades y propuestas de resistencia impulsadas por los pobres y explotados y, en

está aquí, e é parte da luta contra as atuais formas de reprodução social. Por isso estes movimentos se consolidam na medida em que conseguem forjar novas modalidades de sociabilidade e de luta social, após o fracasso dos modelos revolucionários tradicionais.

Hoje, como no passado, a defesa do monopólio supostamente “legítimo” da violência por parte do Estado, é apenas uma das expressões possíveis das ideologias modernas do progresso. Se para as classes dominantes, o direito é instrumento legítimo de concentração de poder, para as classes subalternas ele comprova a existência de um estado de exceção permanente, que atua como uma espécie de face oculta porém onipresente da norma burguesa (Cf. BENJAMIN, 1986). Na luta contra a reprodução deste círculo infernal emana o poder revolucionário dos oprimidos, que deve emergir desde já nas formas de sociabilidade existentes o interior dos movimentos. Sem este teste eminentemente prático, a rememoração do passado desvia-se para uma nostalgia passiva e regressiva, e o resgate da tradição dos oprimidos do passado descamba para uma apologia heróica da derrota. A re-abertura do passado, e sua reparação histórica, dependem dos caminhos seguidos pela práxis concreta dos movimentos potencialmente anticapitalistas do presente. Na contramão dos paradigmas do progresso, EZLN e MST resistem, cada qual ao seu modo, contribuindo para a auto-reflexão do pensamento e da práxis emancipatórias do século XXI.

---

fin, un manifiesto culto de la ‘vía única’ progresista, fuera de la cual no había escape ni alternativa” (VEGA CANTOR, 1999, p.155).

### Referências

ALIMONDA, Hector. La ecología política de Mariátegui. Buscando una herencia en Lima. *En publicación: Tareas, no. 125*. CELA, Centro de Estudios Latinoamericanos Justo Arosemena: Panamá, 2007.

BENJAMIN, Walter. “Crítica da violência – crítica do poder”. In: *Documentos de cultura. Documentos de barbárie (Escritos Escolhidos)*. Seleção e apresentação: Willi Bolle. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1986.

\_\_\_\_\_. *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. “Teses sobre o conceito da história”. In: LÖWY, M. Alarme de incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de história. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

CANTOR, Renan Vega. *El Caos Planetario*. Ensaio marxista sobre la miseria de la mundialización capitalista. Buenos Aires: Herramienta, Antídoto, 1999.

CUESTA, Micaela. “Modos de leer la historia: José Carlos Mariátegui a la luz de Walter Benjamin”. In: FERREYRA, S.; RODRÍGUEZ, E.; MAZZEO, M.; GRECO, M. F.; CUESTA, M.; PELLER, M. Vigencia de J. C. *Mariátegui: Ensayos sobre su pensamiento*. Buenos Aires: Editorial Dialektik, 2009. pp.81-100.

LÖWY, Michael. “El punto de vista de los vencidos en la historia de América Latina. Reflexiones metodológicas a partir de Walter Benjamin”. In: VEDDA, Miguel. (org.). *Constelaciones dialécticas*. Tentativas sobre

Walter Benjamin. Buenos Aires, Herramienta, 2008. pp.81-90.

\_\_\_\_\_. *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa central*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. “Walter Benjamin: messianisme et émancipation”. In: *SolidaritéS*, n.1 (nouvelle version), 10 janvier 2002, pp.28-29.

LUXEMBURGO, Rosa. *Introdução à Economia Política*. São Paulo, Martins Fontes, s/d.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. México: Era, 1979.

MATAMOROS PONCE, Fernando. *Memória y utopía en México. Imaginários en la génesis del neozapatismo*. Buenos Aires: Herramienta Ediciones, 2009.

MILLÁN, Mária. “Las mujeres zapatistas de fin del milênio”. *Revista Chiapas*. México, n. 3, 1996.

PINASSI, Maria Orlanda. “Uma ontologia dos movimentos sociais de massas e o protagonismo atual das mulheres”. In: *Da miséria ideológica à crise do capital: uma reconciliação histórica*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

STÉDILE, João Pedro. & FERNANDES, Bernardo Mançano. *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.